

História da Arte: dos primórdios à Idade Média



- ✓ O início de tudo
- ✓ Antiguidade
- ✓ Arte no Oriente
- ✓ Idade Média



Vaso em forma de deus da chuva (c.1100-1400). Cultura Olmeca, México.

“

Todo objeto de arte é um lugar de convergência onde encontramos o testemunho de um número mais ou menos grande, mas que pode ser considerável, de pontos de vista sobre o homem e o mundo.

Pierre Francastel (1900-1970)

”

Introdução

“

Tudo que a memória amou já ficou eterno.

Adélia Prado (1935)

”

A história da arte é importante fonte de conhecimento para tecer relações significativas entre a sociedade de hoje e a de nossos ancestrais. É a história visual do mundo e, portanto, repleta de artefatos culturais que podem nutrir nosso intelecto e nosso espírito, pois fazemos parte dessa mesma humanidade que os concebeu.

Acompanhando seu desenvolvimento, podemos conhecer a diversidade do pensamento humano de todas as épocas e exercitar nosso olhar, pois apreciar, interpretar e identificar as mensagens e símbolos contidos nessas imagens também produz conhecimento.

Numa época que valoriza tanto as imagens como a nossa, a interpretação de imagens, as-

sim como a de textos, faz parte de um conjunto de práticas que nos ajuda a fazer uma leitura do mundo, conduzindo-nos à uma postura mais consciente e crítica frente a ele.

A poesia, o poder, a religião, o pensamento, a matemática, a história, a mitologia, a transgressão, a crítica, o cotidiano, o sonho, a transcendência, a memória, a geografia, o imaginário, são todos temas presentes na arte ao longo dos seus milhares de anos de existência.

Portanto, o conhecimento da história da arte pode apoiar o educador de diversas maneiras, sendo ponto de partida para muitas atividades dinâmicas, tanto práticas como reflexivas.



Atividade de Arte em Ibitiara, Bahia



O início de tudo

As primeiras manifestações do que hoje entendemos como arte foram realizadas durante o período denominado Paleolítico, entre 60 e 30 mil anos atrás! São os primeiros vestígios de cultura da humanidade, numa época em que os grupos humanos utilizavam formações rochosas para se abrigarem das intempéries e se esconderem de predadores.

Nas rochas, também encontravam um bom suporte para se expressarem através de gravuras e pinturas rupestres, dando origem às primeiras imagens.

As pinturas e gravuras rupestres - assim chamadas por conta do suporte, derivado do latim "rupes", que significa "rocha" - são consideradas as expressões mais antigas da humanidade.

As pinturas, executadas em cores - obtidas do carvão, do óxido de ferro, do sangue, de argilas coloridas ou de pigmentos vegetais, misturados com clara de ovo, cera de abelhas, resinas vegetais ou até mesmo saliva, - possuíam correspondência maior ou menor com o mundo real. Alguns grupos humanos se expressavam através de figuras geométricas ou abstratas.



Grafismos rupestres gravados em rocha no Sítio Arqueológico Itacoatiaras do Rio Ingá, Paraíba.

Para esses povos, as imagens eram, supostamente, entendidas como algo poderoso para serem usadas, e não para serem contempladas, o que explicaria o fato de se encontrarem sobrepostas e justapostas em diversos sítios arqueológicos.

Acredita-se que as representações estavam relacionadas a rituais religiosos que incluíam música e danças cerimoniais. Na realização de suas pesquisas, antropólogos encontraram relações entre as manifestações ritualísticas de sociedades primitivas ainda isoladas no século XIX e as imagens perpetuadas nas rochas há milhares de anos. Com base nessas constatações, se deduz que os primitivos creditavam numa forte correspondência do ser vivo com a sua imagem, considerada a representação de sua alma.

Isso significa que, ao representar uma cena de caçada, por exemplo, nossos antepassados ca-

çadores-coletores estavam antecipando e assegurando o sucesso da empreitada, o que garantiria a alimentação daquele grupo. Se o animal

ANOTE AÍ

"Chamamos a esses povos 'primitivos', não porque sejam mais simples que nós - os seus processos de pensar, com frequência, são mais complicados que os nossos - mas por estarem mais próximos do estado em que, num dado momento, emergiu a humanidade."

E.H. Gombrich



fosse abatido na imagem ritual impressa na rocha, com certeza sucumbiria ao poder do homem durante a caçada real.

O homem, representado na pintura como o caçador bem sucedido, projetaria o mesmo sucesso na batalha real contra a fera.

A identificação com a imagem continua sendo tão forte para os povos isolados que, em certa ocasião, quando um artista europeu fez desenhos de animais domésticos numa aldeia africana, os habitantes mostraram-se nervosos: “Se levar consigo o nosso gado, do que iremos viver?”. Alguns povos primitivos não se deixam fotografar, pois acreditam que o fotógrafo roubaria suas almas!

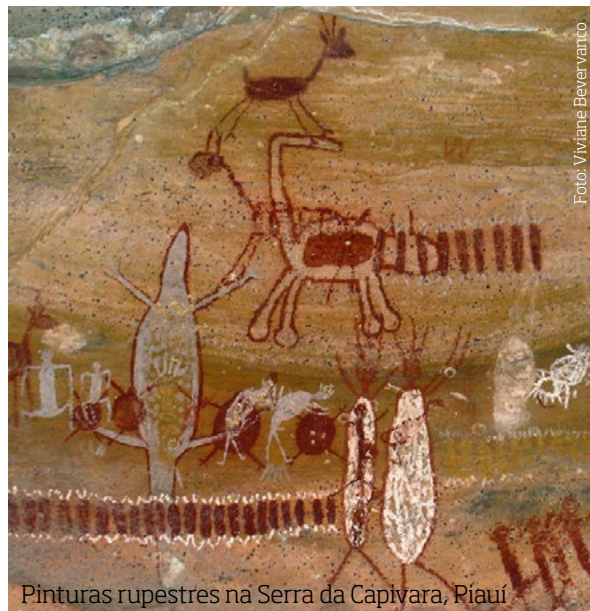


Foto: Viviane Bevervanto

Pinturas rupestres na Serra da Capivara, Piauí

Arte egípcia

A civilização egípcia remonta a cinco mil anos e conseguiu se estender por 30 séculos! É sabido que os mestres gregos frequentaram as escolas egípcias a fim de ampliar o seu conhecimento. E como nós, ocidentais, somos discípulos dos gregos, a arte do Antigo Egito se reveste de grande importância para nosso corpo social, historicamente falando.

Mais conhecido através de suas pirâmides, o Egito daquela época era uma sociedade organizada e rígida, fundamentada em valores religiosos, que considerava o faraó um ser divino, instituído como sacerdote supremo e digno de todas as honrarias.

Por considerar que existia vida após a morte e que viveriam pela eternidade, os egípcios em-

balsamaram os corpos, construíram as pirâmides, reproduziram imagens da vida cotidiana nesses espaços e para lá levavam todos os objetos e riquezas pertencentes àquele que após a morte continuaria a usufruir de tudo que em vida havia possuído. Daí o caráter imperecível de todas as obras por eles produzidas e com regras tão rígidas na sua elaboração. Nada poderia sofrer decomposição, inclusive o próprio corpo.

Tendo a religião como norteadora de todas as suas atividades, a civilização egípcia edificou toda a sua produção artística utilizando regras bastante rígidas, comuns e inalteráveis, sem dar lugar à expressividade, originalidade ou liberdade de expressão por parte dos artistas que a executavam.



Museu Nacional - UFRJ

O Museu Nacional no Rio de Janeiro, destruído por um incêndio em 2018, abrigava um acervo representativo de arte egípcia. A maior parte do acervo egípcio foi comprada em um leilão em 1826 por Dom Pedro I. Não há registro preciso sobre sua procedência, mas acredita-se que tenha vindo da região de Tebas. O esquife de Sha-amun-em-su foi um presente pessoal dado por um soberano egípcio ao Imperador Dom Pedro II. É possível fazer uma visita virtual ao museu, cujas imagens foram registradas antes da catástrofe, [clikando aqui!](#)

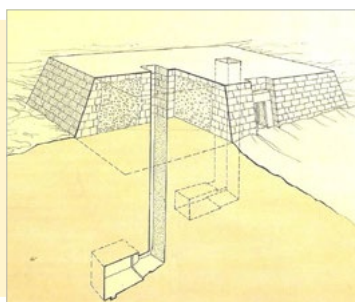


Como a arte tinha o objetivo primordial de render glória aos deuses e ao faraó e eternizar o espírito, todas as suas modalidades praticadas eram solenes e exibiam um padrão de uniformidade em sua fatura, privilegiando, acima de tudo, propriedades que lhes garantissem tal eternidade, revestidas de harmonia e equilíbrio para não perturbar a ordem na vida além-túmulo, tornando o artista um mero executor da vontade divina.

As pirâmides e os templos dedicados aos deuses constituem-se como o grande marco da arquitetura do Antigo Egito. As pirâmides, assim como as

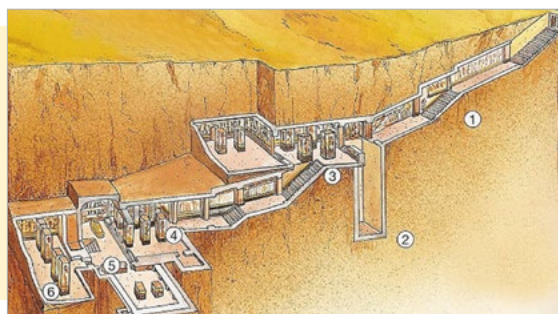
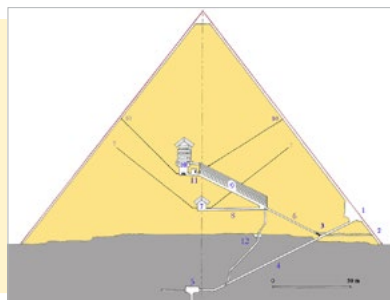
mastabas e os hipogeus, eram os túmulos que abrigavam os corpos rumo à imortalidade.

As pirâmides eram construídas exclusivamente para os faraós e caracterizadas por sua funcionalidade, solidez e durabilidade, pois seriam suas moradas eternas. No seu interior era colocado o sarcófago contendo a múmia do faraó, junto de seus tesouros e joias, esculturas que o representavam, e as paredes eram ornamentadas com pinturas e afrescos narrando, através de imagens e de escrita com hieróglifos, todos os eventos significativos de sua vida, exaltando suas conquistas e poder.



A mastaba, que significa “casa eterna”, foi provavelmente o primeiro formato de monumento funeral utilizado pelos egípcios para o sepultamento de faraós e nobres.

Supostamente derivadas da mastaba, cujo formato é a base da pirâmide, as pirâmides abrigavam os restos mortais dos faraós e de seus familiares.



Hipogeu, que significa “abaixo da terra”, é uma construção subterrânea ou escavada em rochas, também usada como templo funerário pelos antigos egípcios.

As esculturas, produzidas em pedras de grande dureza e resistência para esses mausoléus, possuíam formas simplificadas para evitar mutilações e assegurar sua integridade, permitindo que o faraó, um ser divino, ao partir desse mundo, tivesse seus privilégios garantidos. Sua representação era frontal, estática e sem

qualquer expressão facial, em pé ou sentado, demonstrando toda a sua força e majestade.

As esfinges, com corpo de leão (força) e cabeça humana (sabedoria), eram comumente colocadas na entrada dos templos para afugentar os maus espíritos. O escultor era denominado “aquele que mantém vivo”.



Nas imagens frontais, é possível perceber um eixo vertical imaginário que as divide simetricamente, sugerindo reverência aos deuses, aos governantes e aos mortos, alinhando os poderosos do Céu e da Terra, ao mesmo tempo que exigem uma atitude de respeito por parte do espectador.

Hoje, é possível ainda observar que essas características se conservam nas imagens religiosas e nos retratos de grandes figuras públicas, que aparecem de frente, demonstrando valores simbólicos que denotam sua elevada posição.



À esquerda: estátua de Osíris no templo da rainha Hatshepsut, Luxor, Egito; à direita: a grande esfinge de Gizé, Cairo, Egito.

Na pintura, o artista combinava visões laterais e frontais na representação do corpo humano. A cabeça aparece de perfil, enquanto o olho está de frente (como fizeram mais tarde os cubistas); o tórax de frente; braços e pernas em movimento, mas os pés, com visão apenas do dedo grande, são também representados de perfil.

O faraó era sempre representado como a maior figura, seguido por seus familiares, séquito e serviçais, todos como itens essenciais para que conservasse seu poder em sua vida na eternidade.

As tintas utilizadas eram extraídas na natureza, em cores convencionais (preto, branco, vermelho, amarelo, verde e azul), cada uma guardando um simbolismo próprio.

Essas figuras, representadas com impressionante rigidez geométrica, guardam grande ar de solenidade e simplicidade, apenas mostrando os aspectos essenciais, para serem mais facilmente identificadas.

O artista também tinha que dominar a arte de caligrafar os hieróglifos, os caracteres pictóricos egípcios usados para escrever textos nas paredes e sarcófagos. Os hieróglifos são uma espécie de versão arcaica dos emojis! Hieróglifo é uma palavra que vem do grego e significa “escrita sagrada”.



O afresco mostra uma cena de mulheres e um banquete. Afresco é uma técnica de pintura na qual a tinta, dissolvida em água, é aplicada num revestimento de argamassa, cal e areia ainda fresco, o que exige rapidez e segurança na execução. Inventada pelos egípcios, foi fartamente utilizada nos séculos seguintes.

O acervo IBS dispõe de um excelente título para apresentar o Egito Antigo aos alunos! Da série Diário de Pilar, de Flavia Lins e Silva, esse livro narra as aventuras de Pilar e o gato Samba no Egito, onde encontram o jovem faraó Tutancâmon. Com seu amigo Breno, ela tenta ajudar Tutancâmon a voltar para seu reino e se envolve em situações incríveis, conhecendo os deuses, a astrologia, a escrita e vários aspectos da cultura egípcia.



A arte grega

A Grécia Antiga, por todo o seu legado cultural e artístico, é considerada o berço da civilização ocidental, pois, além de tudo, ali foi cunhado o conceito de democracia.

Democracia é uma palavra de origem grega, que significa “poder do povo” (démos - povo e krátos - poder)

A figura central nessa civilização era o ser humano e suas experiências, por isso a Grécia Antiga é considerada fundadora da cultura humanística. E, assim, desabrochou sua índole racionalista, movida pela busca incessante de conhecimento do mundo, na tentativa de desvelar todos os “mistérios” que envolviam o ser humano, fossem eles os fenômenos físicos, mentais e emocionais, e se consolidou o propósito de privilegiar o gozo da vida presente, num contexto em que os reis não eram instituídos como deuses e os deuses tinham características humanas.

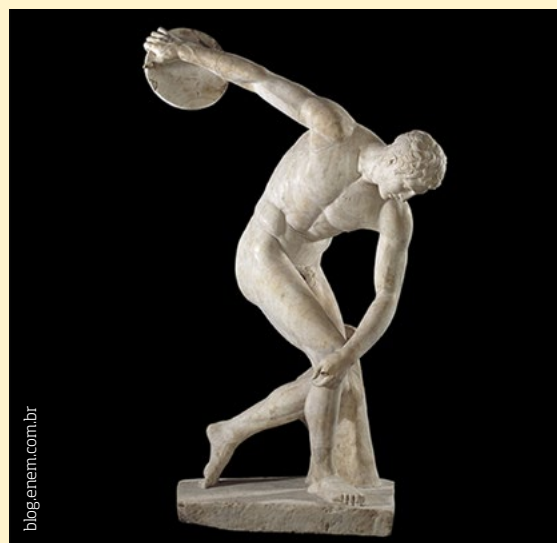
Orientados por esses princípios, os gregos objetivaram um sistema de educação integral para a formação do cidadão perfeito e conquistaram enorme avanço em todas as áreas de expressão do ser humano, como filosofia e ciências políticas, desenvolvendo várias ciências, como matemática, geometria, medicina, biologia, astronomia, e deram destaque às artes, que en-



Detalhe de pote cerâmico de Mikonos, Grécia

globavam arquitetura, escultura, pintura, teatro, música, dança, literatura, e técnicas como metalurgia e cerâmica.

Como a meta era o aprimoramento do ser humano, a arte não era simplesmente decorativa, mas ligada à transformação da sociedade, exigindo do artista a criação de produtos socialmente significativos que, embora adornando as cidades, servissem, sobretudo, como padrão educativo.



O Discóbolo (lançador de disco) - escultura atribuída ao artista Míron (séc. V a. C.), representa um atleta antes do lançamento do disco. É a estátua de desportista mais famosa do mundo. As Olimpíadas, importante evento na vida dos gregos, datam de 776 a. C. Os jogos, que incluíam várias modalidades esportivas e enalteciam o potencial do ser humano, eram realizados em homenagem aos deuses gregos que ficavam no Olimpo. Os jogos olímpicos tinham, além de seu caráter esportivo, um caráter político. A competição acontecia de quatro em quatro anos e significava uma trégua entre as cidades-Estado gregas, que viviam sempre em conflito.

A arte era utilizada como ferramenta pedagógica. Tinha como atributos a idealização, a austeridade e o equilíbrio, porém sem perder contato com a realidade concreta. Tudo isso explica a busca constante pela perfeição, traduzida no equilíbrio, na simetria e na harmonia de sua produção.



No entanto, é possível afirmar que, embora se observe na arte grega a constituição da figura humana com ossos, músculos, veias, sexo, movimento (o que não ocorria na arte egípcia), era uma representação idealizada, que não correspondia ao ser real, pois não havia, por exemplo, um nariz imperfeito e nem rugas na testa, e as proporções de um corpo ou de um rosto eram perfeitas.

Nessa sociedade antropocêntrica, isto é, que tinha o homem como centro, o artista não pertencia à elite, era um operário, obedecendo regras fundamentais, pois havia um objetivo social a cumprir. Contudo, tinham liberdade de criação e expressão dentro dessas regras, o que pode ser traduzido por estilo.

É claro que tudo isso não foi construído do dia para a noite. Faz parte de um processo enorme de evolução, que abrange um período contínuo entre o ano 1.100 a. C. até 146 a. C., quando a Grécia foi dominada pelos romanos.

Entre todos os períodos da civilização grega, o mais conhecido, e o auge dessa civilização, é o período clássico, entre os séculos V e IV a.C., quando os gregos alcançaram a excelência em sua técnica e expressão, tornando-se a grande inspiração da Renascença, no século XV, e do Neoclassicismo, no século XVIII.

Os antigos gregos foram determinantes para o avanço da sociedade ocidental, deixando um

enorme legado que ainda hoje serve como base para novos conhecimentos.

Os antigos gregos foram determinantes para o avanço da sociedade ocidental, deixando um enorme legado que ainda hoje serve como base para novos conhecimentos.

Quatro livros do acervo IBS são referentes à cultura da Grécia Antiga



A Odisseia, escrita originalmente por Homero e adaptada pela escritora Ruth Rocha, é um poema que narra a história de Ulisses, um herói que, após uma longa viagem com muitas aventuras, volta para casa para rever sua família e enfrentar seus inimigos. Os livros Mitos Gregos, de Nathaniel Hawthorne, As 14 Pérolas da Mitologia Grega, de Ilan Brenman, e Diário de Pilar na Grécia, de Flavia Lins e Silva, trazem algumas das principais narrativas que compõem a vastidão da mitologia grega. São livros que podem ser trabalhados com propostas em todas as linguagens artísticas e áreas do conhecimento!



Vaso com alça em ferracota (c. 460 a.C.)



As linguagens artísticas desenvolvidas na Grécia



Teatro

Teve início em Atenas, por volta de 550 a. C., com celebrações a Dionísio, o deus relacionado às festas, à fertilidade e ao vinho, evoluindo com o passar do tempo para a construção de enredo, com presença de atores e plateia, tendo a máscara como artefato importante no figurino dos atores. Os gêneros mais comuns eram a tragédia, o gênero teatral mais antigo, que abordava a morte e o medo, cujos personagens eram deuses, reis e heróis, enquanto a comédia, outro gênero muito difundido e considerado um gênero "menor", versava sobre homens comuns.

Música

Era considerada a arte das musas, tinha a lira como principal instrumento e era associada à dança e ao teatro, contribuindo com noções modais, de escala e de harmonia para a constituição da música como a conhecemos hoje. Canções dos gregos antigos, inéditas durante milhares de anos, foram resgatadas pelo músico Armand D'Angour (1958), especialista em música clássica da Universidade de Oxford, no Reino Unido. Você pode ouvir, [clikando aqui](#).



Afresco - Palácio de Knossos, Grécia



Pintura

Além de decorar estátuas e peças de cerâmicas que tinham múltiplas funções, os gregos também pintaram painéis nas paredes com a técnica do afresco. A pintura estava em todos os âmbitos da produção artística.

Escultura

As primeiras esculturas sofreram influência da estatuária egípcia, mas aos poucos foram adquirindo movimento e expressão. No início, apenas as figuras masculinas apareciam despidas e, as figuras femininas, com vestes drapeadas, sendo, geralmente, confeccionadas em bronze ou em mármore.



Literatura

Ilíada e Odisseia, do escritor Homero, narram episódios que compõem a história da Grécia, servindo de modelo para outras epopeias, como Eneida, de Virgílio, e Os Lusíadas, de Luís de Camões.

Arquitetura

As construções guardavam grande simetria e, como tivessem como foco o culto aos deuses e a vida pública, eram pensadas para privilegiar o bem-estar dos seres humanos que as frequentariam, fossem templos, praças, ginásios, estádios ou teatros de arena.

Templo Erecteion - Grécia



A arte no Império Romano

O Império Romano, construído a partir da cidade-Estado de Roma, ocupou Europa, Ásia e África desde o século VIII a. C. até o século IV d. C. Dado seu tamanho - foi o maior império do Ocidente - , é natural que tenha recebido dos vários povos conquistados influência cultural em todas as suas manifestações, ao mesmo tempo que modificava culturas locais. Sem dúvida, a maior influência cultural provém do povo grego, em virtude dos intensos vínculos comerciais estabelecidos, mesmo antes de sua dominação.

Verificam-se na cultura romana fortes traços da cultura grega, especialmente no que diz respeito à mitologia e consequente assimilação dos deuses - sincretismo religioso - e através da arte, por isso, cultura greco-romana. O quadro abaixo mostra alguns deuses gregos e seus correspondentes romanos:

GREGOS	ROMANOS
Cronos	Saturno
Zeus	Júpiter
Poseidon	Netuno
Apolo	Febo
Afrodite	Vênus
Atena	Minerva
Niké	Vitória
Ártemis	Diana
Hermes	Mercúrio

Quando Roma chegou ao auge de suas conquistas, redesenhando nova concepção de mundo, a arte também mudou com ela. Mesmo antes da conquista da Grécia pelos romanos, grande parte dos artistas gregos trabalhavam em Roma ou para Roma.

Os patrícios, que eram a elite romana, tinham artistas gregos trabalhando para eles, fabricando peças originais ou fazendo réplicas de peças gregas. A arte em Roma já não era como na Grécia, para servir a propósitos públicos e modelo para a construção do cidadão perfeito. Agora, era para o deleite privado.

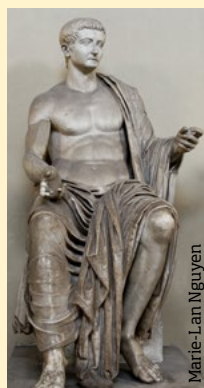
O grande talento do romano era adaptador, não criador. E, tendo em vista sua preocupação prioritária na expansão do império, o romano via em sua produção apenas o caráter utilitário, o espírito prático, um meio de propagação de ideias e solidificação do império, em detrimento do padrão de beleza instituído até então. Isso contribuiu para mudar o caráter da arte, pois o objetivo já não era a harmonia, tal qual a preceituavam os gregos.

A presença do imperador

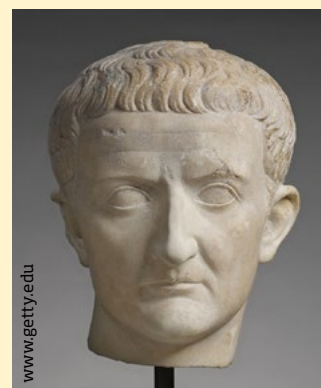
A existência de várias esculturas de Tibério mostra que eram produzidas para serem colocadas em diversas localidades dominadas pelo Império Romano, a fim de que a população conhecesse quem estava no poder. Por isso, em Roma, era permitido aos artistas que fossem mais realistas nos retratos que faziam dos poderosos, ou seja, os escultores não alteravam as feições para deixar o rosto mais harmonioso, como faziam os gregos.



www.campaniaconcierge.com



Marie-Lan Nguyen



www.getty.edu

Busto, estátua e cabeça do Imperador Tibério (42 a.C. a-37 d.C.).



Uma localização no tempo

Poncio Pilatos, governador romano da Judéia que entregou Jesus Cristo à vontade popular, estava subordinado ao Imperador Tibério na época, porém não há nenhum registro artístico de seu semblante, apenas evidências documentais de sua existência.



Detalhe de um afresco de Pompéia, cidade destruída pelas lavas do vulcão Vesúvio (79 d.C.).

Na arquitetura, o romano foi mais engenheiro civil que arquiteto. Aproveitando todo o legado grego, construiu estradas, pontes e aquedutos para garantir bom trânsito entre as diversas regiões do Império; anfiteatros, palácios e templos, tendo como características principais o es-



Uma herança da engenharia romana que se multiplicou pelo mundo todo, os Arcos da Lapa, cartão postal do Rio de Janeiro, funcionaram como aqueduto até o final do século XIX, quando apareceram outras formas mais eficazes de abastecimento de água. saberes e a estética que os alunos trazem consigo, a partir da família, da comunidade e das influências que recebem do mundo. Dessa forma, a atividade artística, seja ela voltada à arte ou ao artesanato, agrega valor, diversidade e conhecimento!

pírito prático e funcional, e a solidez, fator que garantiu a existência de muitas dessas obras até os dias atuais. Alguns destes conhecimentos são empregados até hoje na construção civil.

Esse caráter prático encontra-se também presente na pintura e na escultura, traduzido pelo realismo objetivo e cru, despidido de qualquer simbolismo, apenas documentando, sempre demonstrando a grandiosidade dos mandatórios, feitos e conquistas romanas, então usados como fator de intimidação e para ostentar a dominação.

Quando o Egito foi conquistado pelos romanos, por volta do ano 30 a. C., essa influência se faz sentir também na arte egípcia. Houve uma mudança nas pinturas das máscaras de múmias. Essas pinturas são conhecidas, hoje, como retratos de Fayum, pois a maioria delas foi encontrada na necrópole de Fayum, ao sul do Cairo.

Vale lembrar que pinturas sobre tela só surgiram durante o Renascimento. As obras de arte dessa época, assim como das anteriores e até o Renascimento, são integradas às construções, às cidades e aos utensílios.

Múmias de Fayum: a superfície de madeira com o retrato da pessoa falecida, pintada com técnicas específicas, era colocada sobre a face, para ser presa junto às ataduras que envolviam o corpo. O retrato era a representação mais fiel possível da pessoa.



As primeiras igrejas cristãs do mundo



Basílica de Nossa Senhora Aparecida em Aparecida do Norte, São Paulo.

Após o reconhecimento do cristianismo como religião, por Constantino, no ano 313, os cristãos, que até então praticavam seus cultos às escondidas, agora poderiam professar sua crença abertamente. Quando Teodósio tornou o cristianismo a religião oficial do Império, em 390, houve a necessidade de criação de espaços públicos que acolhessem os devotos, dando origem aos primeiros templos, as basílicas, antigos prédios administrativos do Império Romano adaptados ao serviço religioso.

Os romanos, através do seu senso prático, conseguiram fazer a reelaboração das influências que receberam, aprimorando-as e difundindo-as por onde passaram, deixando um rastro tão grandioso quanto a extensão de seus domínios.

Até aqui, o mundo conhecido era constituído majoritariamente por povos politeístas, por poucos e enormes agrupamentos humanos que, após a queda do Império Romano, começam a se

subdividir culminando com sua individualização nos estados nacionais, e que se vão tornando monoteístas.

Aos poucos, vamos chegando à Idade Média, momento em que a Igreja toma para si o domínio do processo civilizatório, na ânsia de tornar o mundo todo cristão e no qual encontramos como resultado uma mescla de todas as culturas até então conhecidas.

A arte durante a Idade Média

Após inúmeras conquistas, abrangendo tão grande extensão territorial, o Império Romano foi dividido em Império Romano do Ocidente, com sede em Roma, e Império Romano do Oriente, com sede em Bizâncio. Após a desintegração do Império Romano do Ocidente, que se dissolveu pelo sucessivo ataque e invasões de tribos germânicas, teve início a Idade Média.

Até aqui, o mundo conhecido era constituído majoritariamente por povos politeístas, por poucos e enormes blocos que após a queda do Império Romano começam a se subdividir culminando com sua individualização nos estados nacionais, e que se vão tornando monoteístas.

Aos poucos, a Igreja toma para si o domínio do processo civilizatório, na ânsia de tornar o mundo todo cristão e no qual encontramos como resultado uma mescla de todas as culturas até então conhecidas.

O cenário que se conforma é de uma Igreja dominadora, culta e influente, diante de uma população rude e analfabeta. O cenário que se conforma é de uma Igreja dominadora, culta e influente, diante de uma população rude e analfabeta. Toda a arte produzida nessa época tem um caráter didático, que conduz o entendimento popular através de imagens bíblicas narrativas dispostas em majestosas construções.



Enquanto essas culturas às quais nos referimos se tornaram nossos modelos de civilização, enorme parte da África e das Américas, também muito antigas, com suas culturas bastante complexas e estabelecidas das quais até hoje pouco conhecemos e absorvemos, estava se desenvolvendo.



A arte bizantina

A arte bizantina tem caráter majestático, como demonstração do poder e da riqueza dos seus governantes que, considerados representantes de Deus na Terra, eram retratados como seres sagrados com auréola circundando a cabeça. Como em toda a arte da Idade Média, predominam os temas religiosos, tendo como figuras principais Jesus, Virgem Maria, apóstolos e mártires.

A composição é rígida, cada figura tem seu lugar determinado, praticamente inexistindo a representação de um cenário, com a intenção de realçar a divindade, distanciando-a do espaço físico, o que aumenta o sentimento de reverência do espectador. As imagens são frontais e verticalizadas, solenes e estáticas, sugerindo sua natu-

reza extraterrena, com ausência de perspectiva e pouco volume.

As construções religiosas continuam sendo as basílicas, com imensas cúpulas e telhados abobadados, muito simples por fora e ricamente ornamentadas em seu interior.

A sofisticada elite bizantina, secular e clerical, prezava a instrução e, por isso, patrocinava com entusiasmo as artes do livro. Os livros bizantinos, todos manuscritos, eram ricamente ilustrados com iluminuras, conjunto de elementos decorativos refinados, executados nos livros com cores luminosas e vibrantes. Apareciam na forma de letras capitulares e outras ilustrações sobre o tema da obra.



Detalhe do mosaico da Basílica de San Vitale, em Ravena, Itália, mostra o imperador Justiniano com auréola na cabeça, e painel com a cena completa, todo confeccionado em mosaico. à esquerda, a Basílica de San Vitale, terminada em 547.

A sofisticada elite bizantina, secular e clerical, prezava a instrução e, por isso, patrocinava com entusiasmo as artes do livro. Os livros bizantinos, todos manuscritos, eram ricamente ilustrados com iluminuras, conjunto de elementos decorativos refinados, executados nos livros com cores luminosas e vibrantes. Apareciam na forma de letras capitulares e outras ilustrações sobre o tema da obra.

Livro bizantino manuscrito de Salmos do século XII. Você pode acessar mais páginas [clikando aqui](#).



Interior da Basílica de San Vitale, Ravena, Itália.



Os artistas também pintavam ícones, pequenos quadros de madeira, fáceis de transportar, que muitas vezes recebiam ornamentação com joias, tornando-se luxuosos objetos de compra



À esquerda: ícone bizantino; à direita: ícone russo

e venda. Ícone é uma palavra de origem grega que significa imagem.

A grande expressão da arte bizantina, no entanto, foram os mosaicos, construídos a partir de pequenos pedaços de pedra, trabalhados de forma a refletir a luz, fixados com argamassa e recebendo em seguida uma mistura de cal, areia e óleo para preenchimento dos espaços restantes.

Devido à grande e rica produção, à localização e ao intenso comércio, Bizâncio foi durante muito tempo um centro irradiador do que ali era produzido, influenciando considerável parte do território que hoje é a Europa, chegando até a Rússia, deixando a marca de suas cores vivas e brilhantes e do seu requinte decorativo.

A arte românica

A partir do momento que a Igreja tomou para si o processo civilizatório, estendeu seu domínio até as regiões que seriam a França, Espanha e Portugal, chegando até a Inglaterra e Alemanha, através dos grupos anglo-saxões que invadiram Roma. Portanto, sempre sob os auspícios da Igreja, que fez de Roma sua primeira sede, a arte românica se difunde nesses países, naturalmente mesclada por essas culturas tão diversas entre si.

A maior parte da arte dessa época provém de manifestações populares. Mesmo com a rígida supervisão exercida pela Igreja no amplo terri-

tório abarcado, a produção artística facilmente fugia do seu controle.

Quando realizada pelos monges, a arte cumpria os rigorosos padrões de representação. Em sua vertente popular, a visualidade se transformava de acordo com o entendimento de quem a executava, um dos fatores que contribuiu para a diversidade das feições locais que essa arte adquiriu.

A arquitetura dessa época tem como principal manifestação as basílicas, com poucas e estreitas janelas, com grandes abóbadas de argamassa ou pedra que, para serem sustentadas, necessitavam de vigorosas paredes.



Grafismos celtas no Mosteiro de Travanca, em Amarante, Portugal.



Detalhe do portal da igreja de Santo Domingo, Sória, Espanha.



Na pintura românica destacam-se as iluminuras, feitas nos manuscritos, realizadas pelos monges, os únicos eruditos dessa época, guardiões de todo o conhecimento e de toda a produção intelectual, no interior dos mosteiros. Os assuntos desses manuscritos vão desde textos bíblicos e científicos, passando por crônicas de reis e de cidades, até a culinária.



Dois exemplos de iluminuras românicas de diferentes obras literárias. A iluminura à direita mostra uma grande letra B capitular, correspondente ao início do Salmo I, parte de um Livro de Salmos de edição mais popular.

As primeiras imagens portáteis cristãs em madeira policromada começaram a surgir nesse período, e atingem seu auge no período Barroco, como veremos no próximo fascículo!

O afresco, cujo suporte são as amplas e espessas paredes das basílicas, é outra forte expressão da pintura românica. Os pin-

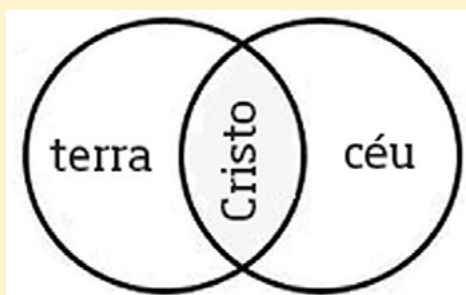


tores eram reconhecidos não por seus nomes, mas como mestres do lugar onde moravam.

O exacerbado sentimento místico do pintor românico fez com que ele deformasse a realidade na intenção de transmitir a potência das cenas bíblicas, normalmente tendo as figuras representadas os olhos exageradamente abertos, as mãos ou braços muito grandes acentuando o significado dos gestos.



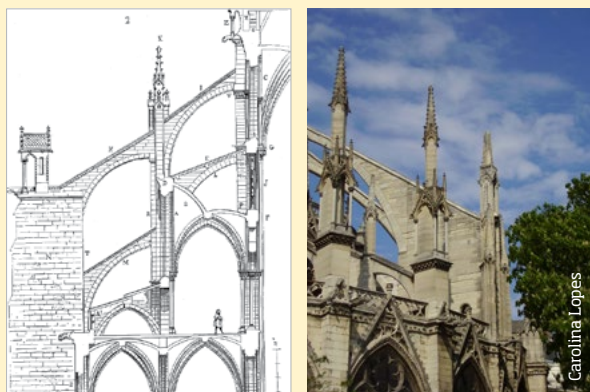
Interior da Igreja de San Isidoro de León, Espanha



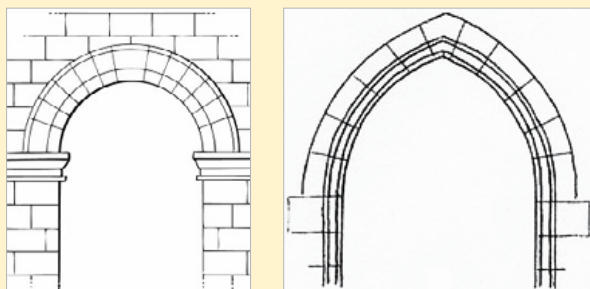
Afresco da Igreja de São Clemente de Taüll, feita pelo Mestre de Taüll, Espanha (1123), com representação do Cristo Pantocrator (todo poderoso), inserido na mandorla mística, forma amendoada que representa o cosmos, é uma passagem para o mundo celestial e, por isso, também é vista nos portais dos templos.

A arte gótica

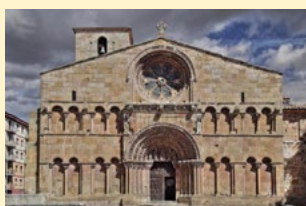
O estilo gótico é reconhecido principalmente pela sua arquitetura. Os construtores inovaram ao transformar o arco romano, usado no período românico, em arco ogival, além de estender a altura das edificações com a ajuda de arcobotantes, criando espaços mais amplos, iluminados e arejados.



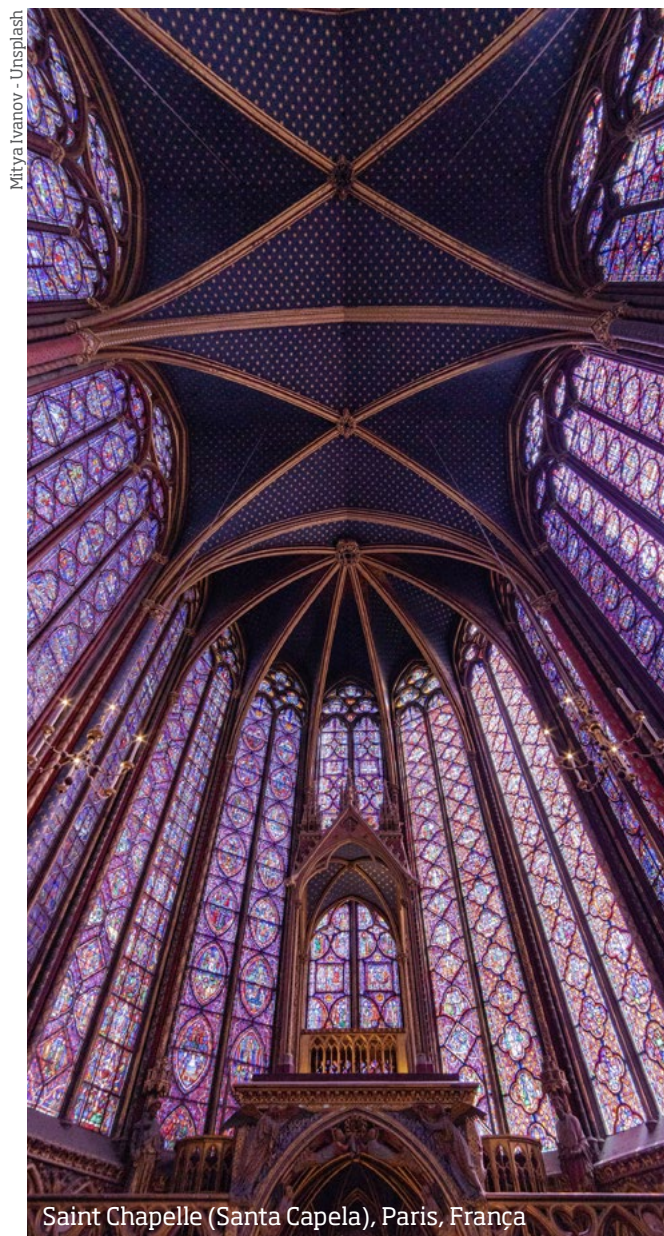
Arcobotantes: estruturas necessárias para sustentar as igrejas, agora muito altas, para não desabarem. Arcobotantes da Catedral de Notre Dame de Paris, França.



À esquerda: arco romano. À direita: arco ogival, isto é, em forma de ogiva.



Para comparar, observe. Acima: igreja românica de Santo Domingo, Sória, Espanha. Abaixo: catedral gótica de Notre Dame, Amiens, França.



Saint Chapelle (Santa Capela), Paris, França

As janelas mais amplas e altas, foram preenchidas com outra arte característica do período gótico, os vitrais, vidraças feitas a partir de pedaços de vidro coloridos ou posteriormente pintados, unidos com estanho, um metal maleável.



Fragmento de vitral, Alemanha



Os artistas góticos eram mais realistas, menos interpretativos que os românicos. Dessa forma, seja na pintura ou na escultura, os artistas góticos procuravam representar mais naturalmente os corpos em movimento, as expressões faciais e as dobras dos tecidos, explorando as nuances das cores.

Como o ser humano começa a tomar consciência de si mesmo e da natureza que o cerca, isso vai se revelar na pintura, aparecendo os primeiros retratos, feitos por um artista que já não é mais um anônimo.

Surgem os retábulos, estruturas de madeira, mármore ou outro material, posicionadas por trás ou acima do altar, com pinturas ou relevos.



Obra do italiano Andrea Orcagna (1308-1368), o retábulo da capela da família Strozzi foi concluído em 1357 e encontra-se na Basílica Santa Maria Novella, em Florença, Itália. O artista passa a ser reconhecido pelo nome.

Artistas e artesãos começam a se organizar em guildas, corporações criadas para prestar assistência e proteção a seus membros e preparar novos profissionais. Uma espécie de sindicato, com regras e funções diferentes das que conhecemos.



Para comparar, à esquerda, iluminura gótica e à direita, iluminura românica

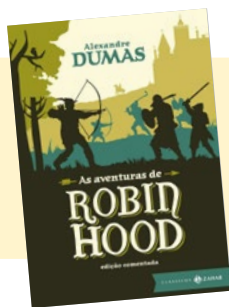
A arte da iluminura permanece, não mais executada exclusivamente pelos monges nos conventos, devido à grande demanda, e, embora delicadamente elaboradas, já deixam entrever paisagens e monumentos, o que anteriormente não ocorria. Como curiosidade, e enunciado pelo próprio nome, é dessa época o estilo gótico de caligrafia, anguloso como suas catedrais.

Ao final desse período, no qual se esboça uma nova e diferente estrutura social e econômica - o inconformismo com o sistema feudal em que apenas os servos produzem sem ter direito a nada, a criação de associações de alguns ofícios e o surgimento de uma nova classe social, a burguesia -, acontece a redescoberta dos valores clássicos da Grécia Antiga, que tem o ser humano como centro, trazendo de novo à tona a inquietude e a busca por novos caminhos de realização. Nesse ponto, estamos a um passo do Renascimento, período que influencia nosso juízo de gosto até os dias de hoje!

Como dito acima, no período gótico os artistas começaram a ser reconhecidos, e um artista que se destaca é Giotto, considerado o precursor do Renascimento. Os santos por ele pintados são seres humanizados, há movimento nos corpos das figuras representadas e nos rostos estão expressos os sentimentos que os animam, sendo possível também observar a presença de perspectiva e de volume em seu trabalho.



Interior da Cappella da família Scrovegni em Pádua, na Itália, todo pintado em afrescos por Giotto entre os anos de 1304 e 1306.



O livro *As aventuras de Robin Hood*, de Alexandre Dumas, presente no acervo IBS, é ambientado na Inglaterra nos séculos XII e XIII, ou seja, na Idade Média!

Enquanto isso, no oriente...

O que acontecia no Oriente enquanto essas civilizações ocidentais cresciam, se expandiam e dominavam parte do planeta?

O Império Romano conquistou uma pequena parte da Ásia, como a Turquia e a antiga Pérsia, atual Irã. Mas o Oriente é muito vasto, vai além desse território ocupado pelos romanos.

A civilização chinesa é tão antiga quanto a egípcia, portanto, existindo muito antes do estabelecimento do Império Romano. Como os romanos, os árabes também expandiram seus domínios, alcançando a Índia, África e a Península Ibérica, além de comercializar com outras

regiões distantes, como a China. Essas grandes civilizações também desenvolveram arte, mas pouco sabemos de suas produções porque a História da Arte, em quase todos os livros didáticos, é predominantemente ocidental.

No entanto, algumas influências das culturas islâmica e chinesa alcançaram o Brasil por conta da dominação árabe na Península Ibérica, que se estendeu do século VIII até o século XV, quando os últimos muçulmanos foram definitivamente expulsos pelos exércitos cristãos. Os chineses, desde muito tempo alcançam nosso território por meio da importação de seus produtos!

Tamboretes com trabalho em couro de mestre cearense Espedito Seleiro (1939), com estampa geométrica inspirada nos padrões islâmicos. Aparelhos de jantar de porcelana chinesa eram encomendados por famílias brasileiras abastadas para grandes eventos. Cora Coralina (1889-1985), em seu livro “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais”, traz dois poemas que se referem ao aparelho de jantar chinês de 92 peças de seus antepassados.



Arte no Islã

Os povos árabes que viviam no Oriente Médio, nômades em seus primórdios, se organizavam em tribos em um território recoberto por grandes desertos, com alguns oásis, ladeado por cadeias montanhosas.

O islã - palavra que significa submissão - tem início no século VII quando Maomé, um comer-

ciante e guia de caravanas, unificou as tribos através de uma nova religião que abandonava todos os deuses para dedicar-se à adoração de um único deus, Alá.

Foi também guerreando, conquistando, comerciando e expandindo domínios que os muçulmanos fizeram grandes intercâmbios culturais, não



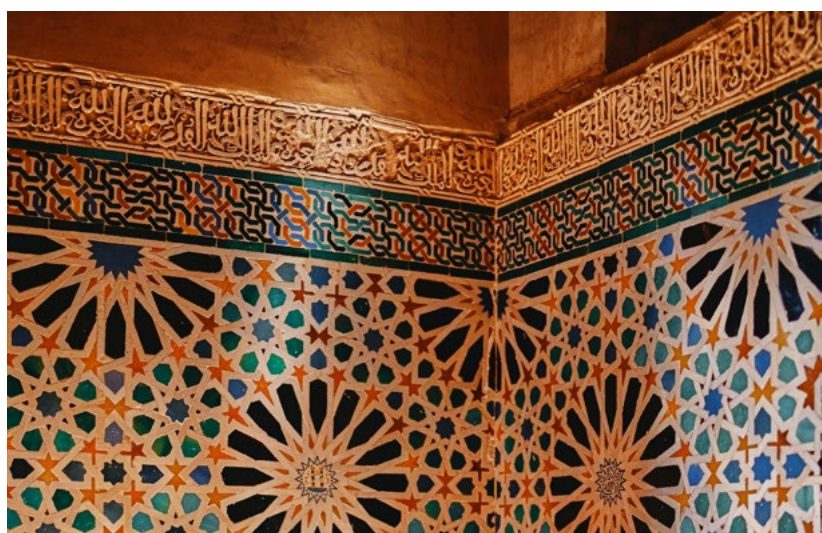
somente difundindo conhecimentos e técnicas aprendidos de outras culturas como também divulgando seus próprios inventos.

Toda a arte ligada ao islamismo é de cunho religioso, marcada por ornamentos florais estilizados (arabescos) ou geométricos que carregam uma complexa simbologia que permite certa flexibilidade de significados e inspiram a contemplação de uma ordem eterna. Os padrões visuais têm, como objetivo, servir de ponte ao estado meditativo.

Por privilegiar o pensamento abstrato, a arte islâmica exclui a figura humana ou qualquer outra figura rigidamente identificável, pois estão mais limitadas a seus significados concretos.

A sua arte é primordialmente voltada à construção e ornamentação de mesquitas, palácios, edifícios públicos e objetos, sempre obedecendo a regras estritas da simetria, e à construção de cidades nas quais era privilegiada a canalização da água para abastecê-las e proteger suas populações do calor.

Em sua arte, os muçulmanos usaram fartamente o estuque em revestimentos decorativos, por sua plasticidade, o tijolo e o azulejo. É muito rica, também, a sua produção de tecidos e tapetes, já usados em tendas em sua fase nômade, e pelos quais ainda hoje são muito conhecidos, devido à sofisticação em sua minuciosa tecedura.



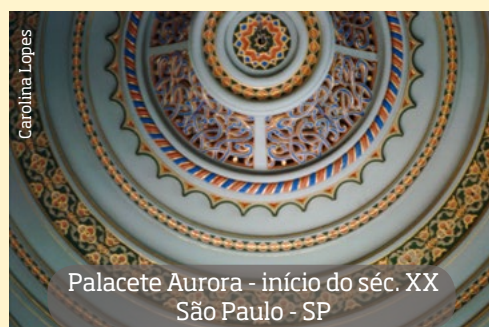
Dois exemplos de revestimento: o mosaico de azulejos e o trabalho em estuque, que são as faixas de relevos nas paredes e no teto. Na foto da esquerda, a faixa em estuque, acima do mosaico, é toda caligrafada. Palácio Alhambra, em Granada, na Espanha.



Azulejos do
Palácio Ali
Qapu em
Isfahan, Irã

Influência no Brasil

Os povos árabes influenciaram a arquitetura brasileira por intermédio dos portugueses e de comerciantes imigrados. A influência árabe revela-se também nas palavras herdadas de seu vocabulário, muitas delas identificáveis pelo prefixo “al”, como almofada, algema, algodão, alvará, alfândega etc.



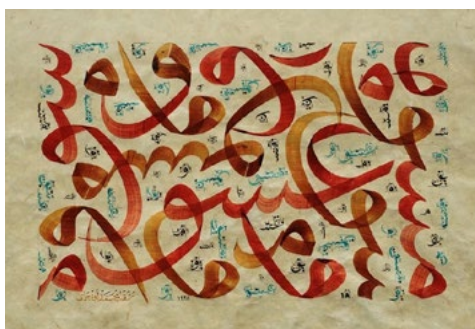
Palacete Aurora - início do séc. XX
São Paulo - SP



Conjunto de São Francisco (1589)
João Pessoa-PB



A caligrafia, como vimos no fascículo anterior, também é considerada uma forma de arte entre os muçulmanos. Ao lado de padrões geométricos e arabescos, ela também compõe as ornamentações dos edifícios e dos objetos litúrgicos.



www.ozcay.com

Artes caligráficas de Mehmed Özçay (1961)

Arte na China

Com uma cultura tanto diversa quanto sólida, constituída de povos sedentários e nômades em virtude de sua enorme extensão territorial, a China influenciou não apenas o Japão e a Coreia, como também os povos com os quais manteve relações comerciais.

É deles a invenção do papel, da bússola, da impressão, da pólvora, da seda, do sismógrafo, do carrinho de mão e do macarrão, que chegaram até o Ocidente através do comércio estabelecido com outras culturas, especialmente com os árabes.

As informações que temos da China Antiga remontam a 4.000 a. C., quando os chineses já dominavam as técnicas de agricultura e domesticavam animais. Assim como os egípcios, na intenção de homenagear seus mortos, os chineses produziam enorme variedade de cerâmica, esculturas em madeira e terracota, trabalhavam o jade e o bronze, tornados utensílios funerários.

Seus governantes, muitos deles eruditos e artistas, patrocinavam a arte e não havia nesse setor interrupção com a mudança de poder, pois os imperadores tinham como princípio a manutenção da tradição artística, então o melhor meio de conseguir apoio popular. E tamanha era a importância da arte nessa cultura que a maioria dos artistas era empregada do governo.

A obra de arte chinesa está impregnada de serenidade, delicadeza, elegância e refinamento,

por ser fundamental que através dela se expressasse a harmonia com o universo e, por conseguinte, são rígidos os valores estéticos exigidos para esse fim. Os pintores tinham que repassar ao povo a virtude de suas doutrinas – confucionismo, taoísmo e budismo –, lembrando exemplos de sabedoria e harmonia.

O papel era utilizado China desde o século I a.C. e só se difundiu na Europa a partir do século XII, ou seja, mais de mil anos depois, pelas mãos dos povos islâmicos que, na ocasião, dominavam a Península Ibérica. Você vai conhecer melhor essa história no Curso de Xilogravura.

A oficina prática de reciclagem de papel do IBS, na área de Educação Ambiental, mostra como fazer papel de uma forma parecida com o processo chinês.



Atividade em Alto Paraíso - GO





Uma das obras mais impressionantes da China antiga foi descoberta em 1974, por agricultores. Os Guerreiros de Chian, uma coleção de esculturas em terracota representando um exército, foi enterrada junto ao imperador Qin Shi Huang em 210-209 a.C., e tinha finalidade protegê-lo em sua vida após a morte. Estima-se que 700.000 trabalhadores e artesãos levaram 38 anos para a completar o trabalho.

Os temas são simples, manifestando o desejo de harmonizar exterior com interior, não tendo preocupação com a representação, mas, sim, com a expressão do sentimento, dando, por isso, mais importância ao conceito que à forma.

Os temas são simples, manifestando o desejo de harmonizar exterior com interior, não tendo preocupação com a representação, mas, sim, com a expressão do sentimento, dando, por isso, mais importância ao conceito que à forma.

A pintura, realizada na seda ou no papel, é uma forma desenvolvida da caligrafia - entre as artes chinesas considerada a mais nobre -, na qual se privilegia o uso do traço, elemento que, sobretudo, a diferencia da pintura ocidental.

Esse fator tornava a pincelada um elemento importante, demandando grande habilidade por parte do pintor e exigindo longo período para o seu desenvolvimento e aperfeiçoamento nessa arte. Embora fossem os chineses rigorosos quanto aos valores estéticos, sua pintura não privilegiava as linhas rígidas, senão as curvas, dominando amplamente o movimento e repassando essa sensação àquele que a observa. Para isso, o exercício mental que antecedia a ação de pintar era fundamental, e como os ele-

mentos da natureza eram alvo de enorme reverência e o foco da sua obra, para pintar a água, por exemplo, o pintor a contemplava por longo período para apreender a sua essência, sendo esse um motivo a mais para a aquisição de destreza no uso do pincel. Portanto, os artistas não esboçavam o real. Era o espírito da paisagem a ser retratada o mais relevante, transportando para a obra tudo o que queriam expressar, depositando em sua pintura sutil uma enorme carga de simbolismo poético.

Seja na pintura ou na gravura, na cerâmica, na vitrificação, no trabalho com o metal e pedra, a arte clássica chinesa, por aportar diferente ponto de vista em sua fatura, influenciou não somente outros países asiáticos, como influenciou, também, a arte ocidental.





Mais um livro do acervo IBS que pode apoiar e ampliar os conhecimentos sobre história da arte chinesa: Diário de Pilar da China, de Flavia Lins e Silva. Os personagens conhecem a menina Fang Fang e, juntos, vivem uma nova aventura!

Você sabia?

Foi na China que nasceu o teatro de sombras, uma das formas mais antigas do mundo de se contar histórias, cuja arte vamos poder aprender em uma etapa das oficinas práticas do IBS!

O teatro de sombras tornou-se bastante popular na Dinastia Song (960-1279), como parte da programação de festividades. Durante a Dinastia Ming (1368-1644), só na cidade de Pequim existiam cerca de 40 a 50 grupos performáticos.

A origem do teatro de sombras é conhecido apenas através da seguinte lenda:

Lá pelo ano de 121, o imperador Wu Ti, pertencente à dinastia Han, ficou desesperado com a morte de sua bailarina preferida. Teria ordenado ao mago da corte que trouxesse de volta do "Reino das Sombras". E lhe teria advertido de que, caso não o conseguisse, ele seria decapitado.

O mago usou a imaginação para confeccionar a silhueta de uma bailarina usando uma pele de peixe macia e transparente. Ele, ainda, ordenou

que, no jardim do palácio, fosse armada uma cortina branca contra a luz do sol, de modo que deixasse transparecer a luz no tecido.

No dia da apresentação ao imperador e à sua corte, ao som de uma flauta, o mago fez surgir a sombra de uma bailarina, movimentando-se com leveza. Nesse momento, teria surgido o teatro de sombras.



Figuras de teatro de sombras chinês (c.1780)



Oficina prática de teatro de sombras do IBS



Referências bibliográficas

CAMINHOS de Santiago: arte no período românico em Castela e Leão, Espanha: séculos XI a XIII. Texto de René Jesús Payo Hernanz. Junta de Castilla y León, 2007. Catálogo.

CAVALCANTI, Carlos. *Conheça os estilos de pintura: da pré-história ao realismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

CAVALCANTI, Carlos. *História das artes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Volume 1.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Lexikon, 2010.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

GOMBRICH, Ernst H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

JAFFÉ, Aniela. *O simbolismo nas artes plásticas*. In.: JUNG, Carl G. (et al.). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LEITE, Sylvia. *O simbolismo dos padrões geométricos na arte islâmica*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

MITHEN, S. *A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo: Unesp, 2002.



Referências na internet

ACROPOLIS Museum, Atenas, Grécia. Visita virtual. Disponível em: < <https://artsandculture.google.com/streetview/acropolis-museum/IwFUUpQvIJ1QDVA> > . Acesso em: 09/09/2020.

BRITISH Museum, Londres, Inglaterra. Visita virtual. Disponível em: < <https://artsandculture.google.com/streetview/british-museum/AwEp68JO4NECkQ> > . Acesso em: 09/09/2020.

COLI, Jorge. *O invisível das imagens*. In.: *Artepensamento IMS. Coleção Muito além do espetáculo*. Disponível em: < <https://artepensamento.com.br/item/o-invisivel-das-imagens> > . Acesso em: 28/08/2020.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: < enciclopedia.itaucultural.org.br > . Acesso em: 31/07/2020.

LIMA, Patrícia. *Teatro de sombras chinesas*. Disponível em: < ptmm.pt/pcp/detail.php > . Acesso em: 08/02/2021.

MUSEU Nacional. Disponível em: < <https://artsandculture.google.com/exhibit/descubra-o-museu-nacional/5gJywQA-ABfJw> > . Acesso em: 02/07/2020.

RODRIGUES, Sérgio. *O que distingue igrejas, catedrais e basílicas?*. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/o-que-distingue-igrejas-catedrais-e-basilicas> > . Acesso em: 19/09/2020.

SILVERIO, Ana. *A história do ballet*. Disponível em: < <https://anabotafogomaison.com.br/a-historia-do-ballet> > . Acesso em: 06/08/2020.

TUMBA de Menna na necrópole de Theban, Egito (visita virtual). Disponível em: < <https://my.matterport.com/show/?m=vLYoS66CWpk> > . Acesso em: 05/08/2020.

TUMBA do faraó Ramsés VI, Egito (visita virtual). Disponível em: < <https://my.matterport.com/show/?m=NeiMEZa9d93&mls=1> > . Acesso em: 02/09/2020.





TUMBA da rainha Meresankh III, Egito (visita virtual). Disponível em: <<https://my.matterport.com/show/?m=d42fuVA21To>> . Acesso em: 02/09/2020.

TUMBA de Mehu, Egito (visita virtual). Disponível em: <<https://my.matterport.com/show/?m=xmDbt2rfa82&help=1&brand=1&play=1&hl=1&ts=2&title=1&tourcta=2&vrroll=0&dh=1&lp=1&wts=1>> . Acesso em: 02/09/2020.

UNSPLASH. Imagens gratuitamente compartilhadas por fotógrafos do mundo inteiro. Disponível em: <<https://unsplash.com>> .

WIKIPEDIA. A enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil>> .



Agradecimentos

Ana Maria de Matos Viegas

Carmélia Menezes

Marly Porto

Maurício Eloy

Pedro Panta

Taciane Motta Marconato

Zenaide Campos Farias



Conteúdo protegido - Proibida a reprodução sem créditos ao Instituto Brasil Solidário
para fotos ou contextos de projetos apresentados



Instituto
**BRASIL
SOLIDÁRIO**

INSTITUTO BRASIL SOLIDÁRIO - IBS
www.brasilsolidario.org.br